

A imprensa havaneira e os escravizados: um perfil da escravidão e do trabalho escravo nos anúncios de jornal (Havana, 1790-1815)

The Havana press and the enslaved: a profile of slavery and slave labor
in newspaper advertisements (Havana, 1790-1815)

La prensa habanera y los esclavizados: perfil de la esclavitud y el
trabajo esclavo en los anuncios de los periódicos (La Habana, 1790-1815)

Ynaê Lopes dos Santos¹

 <https://orcid.org/0000-0002-9685-9041>

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar os anúncios de jornal sobre escravizados publicados pela imprensa havaneira entre os anos de 1790 e 1815. Material pouco utilizado pela historiografia, os anúncios do jornal *Papel Periódico de la Habana* e *El Aviso de la Habana* permitem conhecer com maior acuidade quem eram os escravizados que trabalharam em Havana num período de notório crescimento da população escravizada em Cuba.

Palavras-chave: Escravidão urbana; Trabalho; Havana.

Abstract: The present work aims to analyze newspaper advertisements about enslaved people published by the Havana press between the years 1790 and 1815. Documental source little used by historiography, the ads in the newspaper *Papel Periódico* e *El Aviso de la Habana* allow to know more accurately who were the enslaved who worked in Havana during a period of notorious growth in the slave population in Cuba.

Keywords: Urban slavery; Work; Havana.

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar los anuncios periodísticos sobre esclavizados publicados en la prensa habanera entre 1790 y 1815. Material que ha sido poco historiografía, los anuncios de los periódicos *Papel Periódico de la Habana* y *El Aviso de la Habana* permiten conocer quiénes fueron los esclavizados que trabajaron en La Habana durante un período de notorio crecimiento de la población esclava.

Palabras-clave: Esclavitud urbana; Trabajo; La Habana.

Manuel José intrigou as autoridades do Real Arsenal. No dia seguinte ao natalício de 1800, ele apareceu com a região da boca sangrando muito. Ao ser interrogado se o ferimento era consequência de alguma briga, ele nada contestou, e como o sangue não parava de escorrer, foi encaminhado ao Real Hospital de San Ambrosio. Os demais escravos do Real Arsenal

1 Professora de História da América da UFF. Mestre e Doutora em História Social - USP.
E-mail de contato: ynaie.lopes.santos@gmail.com.

tampouco sabiam explicar o porquê do ferimento, pois nenhum confronto havia ocorrido naquele dia, nem na véspera. No hospital, a situação foi sendo elucidada. Depois de voltar a si, pois a perda de sangue havia lhe roubado os sentidos, Manuel Jose confessou que o autor do ferimento havia sido ele próprio. Num arroubo de desespero, o escravo havia tentado se matar usando uma faca. É possível que a compaixão cristã característica daquele período do ano tenha comovido os funcionários do Hospital, que na manhã seguinte narraram o desespero do escravo para os responsáveis da Casa Blanca (local em que Manoel trabalhava). Com a mesma rapidez, as autoridades iniciaram uma investigação para apurar os fatos.

A radicalidade da ação do escravo foi uma espécie de resposta derradeira aos maus tratos que Manoel José dizia receber de Fernando Sanches, o capataz de Casa Blanca. Segundo o cativo, ele estava

tan perseguido y acosado de los malos tratamientos que de mucho tempo a esta parte le ha inferido el referido Francisco Sanchez al considerar que su mal no tenía remedio por ser un pobre infeliz, y que no podía de otro modo de escaparse a sus tiranías.²

Ao ser interrogado, Sanchez contestou afirmando que a forma mais severa no trato com Manoel José era decorrente das inúmeras bebedeiras do escravo, que muitas vezes dormia durante o trabalho. E que, como responsável pelos cativos de Casa Blanca, ele deveria dar o exemplo.

O final dessa história não foi revelado pela documentação coletada, mas a radicalidade da ação de Manoel José e a confirmação justificada de Sanchez levam a crer que as atividades executadas e o tratamento dado aos escravos de Havana estavam longe de ser suaves. A crescente demanda por cativos gerada pelo escoamento da produção açucareira e pelo incremento das atividades comerciais de Havana acabou consumindo parte importante do segmento escravo da ilha, que executava as mais variadas atividades, muitas vezes a altos custos. À medida que Cuba se tornava uma importante produtora de açúcar na economia mundial, Havana ampliava o uso da mão de obra para fazer funcionar a dinâmica urbana. O uso amplo e variado do trabalho de escravizados, africanos e crioulos não era uma novidade em Havana entre o final do século XVIII e começo do século XIX. Trabalhos como o de Alejandro de la Fuente apontam o quão dependente da mão de obra escrava era a cidade de Havana ao longo do século XVIII (DE LE FUENTE, 2011). Ao mesmo tempo, é inegável que a aposta feita pela elite açucareira cubana no final do setecentos, não tenha reverberado em praticamente todas as instâncias da ilha.

Assim como ocorreu com outras cidades escravistas, os anúncios de jornal são importantes fontes documentais para a compreensão da vida e do trabalho escravizado. Nesse sentido, é de extrema importância o levantamento feito nos anúncios publicados no *Papel*

2 Archivo Nacional de Cuba, Intendencia, legajo 803, nº1, 1800.

Perdico de la Havana, primeiro periódico a circular nas ruas de Havana entre 1790 e 1805, e que entre 1809 e 1810 passou a ser chamado de *El Aviso de la Habana* (1809-1810), para mudar mais uma vez de nome em 1810, passando a ser chamado de *Diario de la Habana*.³ Parte dos anúncios de escravizados publicados nesse periódico foram posteriormente compilados em livro pelo historiador cubano Antonio Núñez Jiménez (1998).⁴

Pouco utilizados pela historiografia, tais anúncios permitem conhecer com mais profundidade o cotidiano escravista da cidade, na medida em que viabiliza o exame de três aspectos importantes da escravidão na Havana de então: a origem de parte dos cativos alocados nos serviços citadinos; o detalhamento das atividades executadas – que, por sua vez, permite aventar possíveis relações entre a origem desses escravos e os trabalhos realizados por eles em Havana; e a maior oferta de escravizados urbanos quando comparada aos anos anteriores.

Dentre os 714 anúncios examinados para o período de 1790-1815, um pouco menos da metade, 352, revela a procedência dos cativos. Embora não seja possível tirar conclusões generalizantes, é interessante notar que, de acordo com os anúncios que indicam a origem dos escravos, os africanos compunham 45% dos ofertados, seguidos pelos cativos nascidos no continente americano (fossem eles crioulos, mulatos ou oriundos de outras regiões da América), que contabilizavam 42% do total. Os *chinos* (filhos de negros com mulatos)⁵ representavam 9% dos escravos urbanos que tiveram sua origem especificada, mas foram contabilizados junto com os crioulos; e os cativos nascidos em outras colônias europeias, 4%.

Quando a análise da procedência é feita correlata ao gênero dos cativos, dois aspectos podem ser ressaltados. O primeiro é a significativa superioridade numérica do anúncio de homens, sugerindo que a composição escrava em Havana seguia o restante de Cuba: o desequilíbrio na razão de gênero.⁶ Em segundo lugar, em relação às mulheres, é interessante

3 Este jornal foi criado em 1790 pela burguesia *criolla* de Cuba, que tinha o desejo de ser mais atuante na administração da ilha. Cf: E. Roig de Leuchsenring: *La literatura costumbrista cubana de los siglos XVIII y XIX. I. Los periódicos: el 'Papel Periódico de La Havana'*. La Habana: Oficina del Historiador de la ciudad de La Habana, 1962.

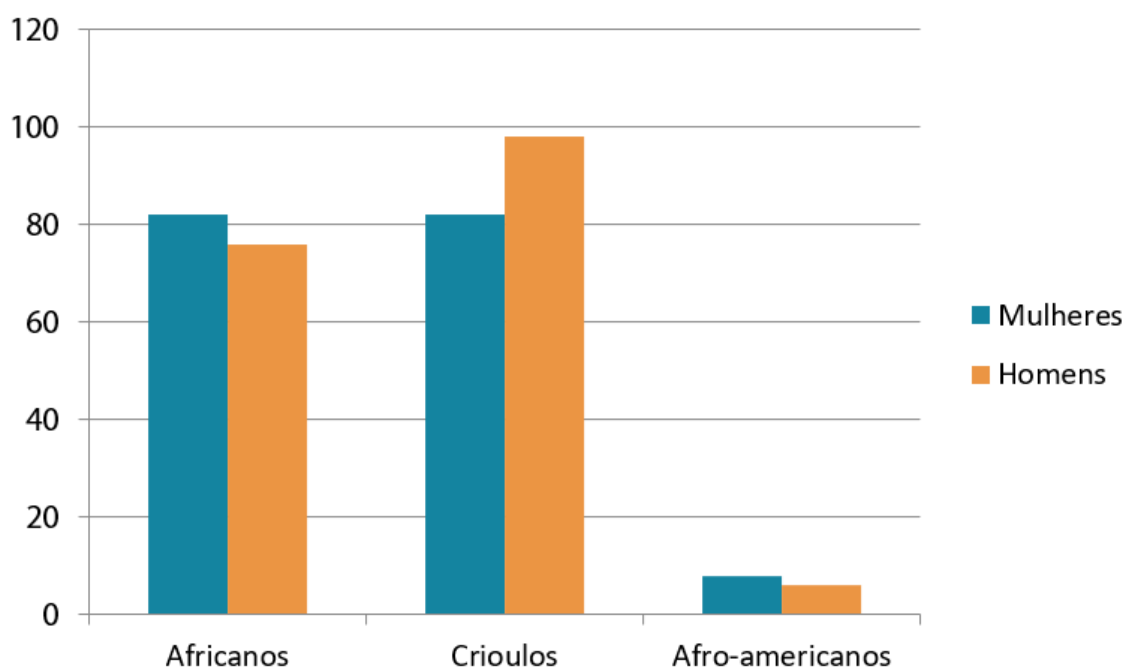
4 Mais recentemente, números publicados do periódico foram digitalizados e estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional da Espanha e no Repositório Digital de la Oficina del Historiador de la Habana.

5 O termo *chino* tem dois significados dentro da dinâmica escravista de Cuba. De acordo com Pezuela, até o ano de 1847, *chino* era a palavra que designava os filhos de mulatas com negros de Cuba. A partir de 1847, *chino* passa a designar os chineses (e seus descendente) que passam a ser importados, como escravos, para a ilha. Cf. PEZUELA, J. *Diccionario Geografico, Estadístico, Histórico de la Isla de Cuba. Tomo II*. Madrid, Imprenta del Banco Industrial y Mercantil, 1866, p. 233.

6 Em sua análise sobre a dinâmica do tráfico de africanos escravizados para Cuba, Pablo Tornero Tinajero apontou que, desde os primeiros anos do século XIX, o baixo número de mulheres comercializadas nos portos cubanos preocupava parte das autoridades que, frente às pressões inglesas para a abolição do tráfico a partir de 1807, entendiam que deveria haver um investimento interno na perpetuação do escravismo. O mesmo autor lança a possibilidade dessa baixa entrada de mulheres nos portos cubanos ter sido fomenta-

observar que enquanto havia uma preponderância de africanas em relação às nascidas na América (fossem negras crioulas, mulatas ou nascidas em outras localidades do Novo Mundo), o inverso ocorreu com homens escravos: 46% deles eram de origem americana e 42% eram oriundos de diferentes localidades da África.

Gráfico 1 - Origem dos escravos de Havana (segundo anúncios de 1790-1815)



Fonte: NÚÑES, JIMÉNEZ, A. Op. Cit.

No entanto, a quase paridade do percentual de africanos e crioulos apresentado pelos anúncios *do Papel Periódico de La Habana* não confirma a amostra observada em outros estudos que analisaram o mercado de escravos de Cuba por meio do cruzamento de diferentes fontes documentais. Laird Begard, Fe Iglesias García e María del Carmen Barcia demonstraram que, durante os anos de 1790 e 1815, o percentual de escravos urbanos nascidos no Novo Mundo girou entre 30% e 35%, enquanto os africanos escravizados contabilizaram 65% a 70% do mercado de cativos da capital cubana (BERGAD,

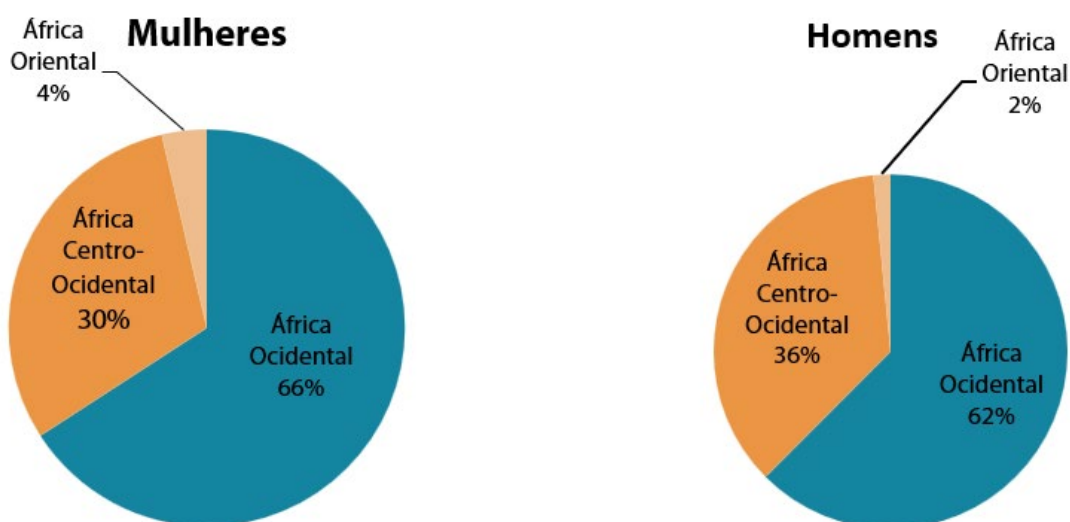
da pelos próprios traficantes, a fim de manter a dependência dos proprietários da ilha. TORNERO TINAJERO, *Crecimiento económico y transformaciones sociales*. Madrid, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1996, pp. 57-59. No entanto, estudos mais recentes sobre as dinâmicas que pautaram o tráfico transatlântico (sobretudo na Costa Ocidental e Centro-Ocidental da África), apontam que o baixo número de exportação de africanas escravizadas era decorrente da estrutura de oferta das sociedades africanas envolvidas no comércio, que por sua vez estavam pautadas na importância que o trabalho das mulheres tinha em muitos povos africanos. Cf. FLORENTINO, M. *Em Costas Negras. Uma História do tráfico de escravizados entre a África e o Rio de Janeiro*. São Paulo, Cia. das Letras, 1997, pp. 70-154. LOVEJOY, Paul. *A escravidão na África. Uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002. MEILLASSOUX, Claude. *Antropologia da escravidão - o ventre de ferro e dinheiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

L. GARCÍA, F.I. BARCIA, M.C., 1995, pp. 85-94). Tal composição era consequência direta da entrada de mais de 120 mil africanos escravizados durante os vinte e cinco anos analisados que, segundo o *The Cuban Slave Market*, teriam padronizado o total da população escrava de Cuba fosse no mundo rural, fosse no espaço citadino (BERGAD, L. GARCÍA, F.I. BARCIA, M.C., 1995, 38-52).

É possível que a discrepância entre os dados gerais e aqueles coletados nos anúncios do *Papel Periódico* fosse decorrente da menor importância que muitos senhores de escravos atribuíam à origem de seus cativos no momento de anunciar seus préstimos nos jornais de Havana, embora não se possa descartar a hipótese de uma pretensa preferência por escravos crioulos no espaço citadino. Todavia, o exame mais detalhado das informações contidas nesses anúncios permite ressaltar que a diversidade de procedência dos africanos escravizados na cidade seguia o padrão observado no restante da ilha.

De acordo com os anúncios tabulados, *carabalís, congos, gangás, lucumís, mandingas* e *minas* compunham o maior percentual de escravos africanos que trabalhavam em Havana. Os dados analisados por Bergard, Iglesia e Barcia apontam que as designações acima corresponderam a 90% dos africanos escravizados que entraram na ilha entre 1790 e 1880. Grosso modo, praticamente 60% dos africanos escravizados de Havana seriam originários da África Ocidental, cerca de 35% da África Centro-Ocidental e 5% da África Oriental, reforçando assim certo padrão de procedência dos cativos na ilha.

Gráfico 2 - Grandes áreas de procedência dos africanos escravizados em Havana anunciados no papel periódico) 1790-1815)



Fonte: NÚÑES, JIMÉNEZ, A. Op. Cit.

Contudo, tomar apenas essas grandes áreas como origem dos cativos africanos que trabalharam na cidade inviabilizaria analisar aspectos fundamentais da escravidão na capital cubana, pois descartaria uma importante informação contida nos anúncios de jornal: a denominação dada para a ascendência do escravo. Há muito, estudos examinam quais seriam os significados das designações que acompanhavam os nomes dos africanos escravizados. Durante certo tempo, *carabalís*, *minas*, *lucumís* e *congos* foram tidos como nações africanas transportadas para Cuba por meio do tráfico transatlântico. Parte dos trabalhos que defenderam tal premissa basearam seus argumentos em estudos linguísticos: povos que falavam a mesma língua pertenceriam à mesma nação e, por isso, teriam certo padrão comportamental no Novo Mundo. Vale pontuar que um dos primeiros trabalhos a analisar a procedência dos africanos de Cuba por meio do estudo linguístico foi o de Estéban Pichardo, ainda no século XIX. De acordo com seus estudos, as designações dadas aos africanos estavam vinculadas à língua falada por eles, indicando assim o pertencimento a sociedades africanas específicas. Tal análise permitiu que o autor chegasse a fazer uma espécie de inventário comportamental dos africanos (escravos e libertos) na ilha, obra em que Pichardo afirmou que os *carabalís* tinham “caráter soberbo e indômito” embora fossem bons trabalhadores, enquanto os *congos* eram leais, ainda que preguiçosos (PICHARDO, 1861, pp. 49-67).

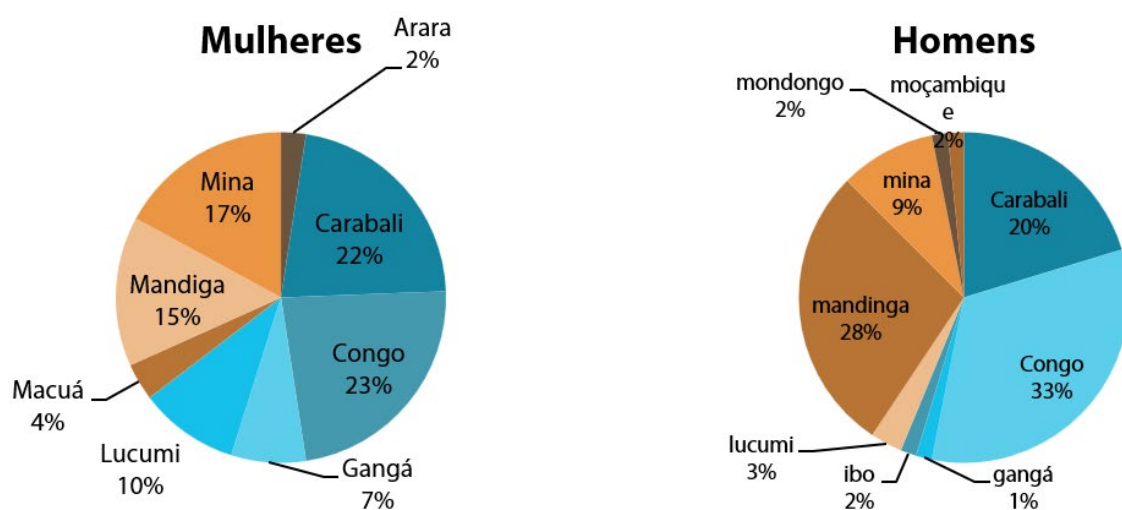
Mesmo que fortemente questionados, tais estudos foram fundamentais para análises posteriores, como as desenvolvidas por Fernand Ortiz, que entendia tais designações como etnias cuja territorialidade poderia ser delimitada no continente africano (ORTIZ, 1987, pp. 33-66). Sem dúvida alguma, a possibilidade de determinar a proveniência dos africanos que foram trabalhar como escravizados em Cuba trouxe informações valiosas sobre a especificidade do escravismo na ilha. Mas essas informações foram fortemente influenciadas pelo olhar evolucionista que muitos estudiosos empregaram em seus exames. Grosso modo, até a primeira metade do século XX, a hierarquização feita dentre os grupos examinados acabou comprometendo o estudo mais abrangente das culturas africanas em Cuba - não só por desconsiderar a forte presença de etnias de outras localidades africanas, mas também por não levar em conta a experiência do cativo no Novo Mundo no processo de (re)criação dos laços de identidade desses africanos e seus descendentes.⁷

Examinar somente as macroáreas de procedência dos africanos escravizados também encobre o estudo de dinâmicas do tráfico transatlântico para Cuba, bem como

7 A (re)configuração das identidades africanas no Novo Mundo é um assunto debatido pelos cientistas sociais há muito tempo. Um estudo ímpar que faz uma interessante síntese dessas discussões e aponta para a necessidade de exames aprofundados sobre a experiência americana da diáspora africana é: MINTZ, S. & PRICE, R. *O Nascimento da Cultura Afro-Americana: uma perspectiva antropológica*. São Paulo, ed. Pallas, 1992.

suas consequências para o espaço citadino. Conforme apontado no gráfico 1, se tomado na totalidade, a África Ocidental foi a região que mais exportou africanos para a ilha. Contudo, aqueles que foram designados como *congós* (oriundos da África Centro-Ocidental) representaram tanto o maior percentual de escravos africanos que adentraram em solo cubano, como daqueles que ocuparam a rede de serviços urbano (GRANDÍO MORÁGUEZ, 2008).

Gráfico 3 - Procedências dos africanos escravizados em Havana anunciados no Papel Periódico (1790-1815)



Fonte: NÚÑES, JIMÉNEZ, A. Op. Cit.

Quando cruzadas com as informações obtidas pelas análises que trabalharam com os dados do tráfico transatlântico para Cuba, bem como com os estudos feitos sobre os possíveis padrões comportamentais das nações/etnias africanas, é possível especular o porquê da presença mais significativa dos congós em Havana. Segundo Alejandro de la Fuente, desde o século XVI e, principalmente, durante o século XVII, os africanos escravizados denominados *congós* compuseram o maior percentual dos cativos de Cuba (DE LA FUENTE, 1986, p.75-96). De acordo com outros estudos, isso se manteve nos dois séculos seguintes graças à dinâmica do tráfico transatlântico para a ilha. Até a abolição inglesa do tráfico em 1807, os britânicos foram os maiores responsáveis pela introdução de africanos escravizados em Cuba. Suas relações estreitas com os portos localizados ao norte de Luanda teriam facilitado as transações comerciais na região, permitindo assim o intenso comércio de africanos dessa localidade (GRANDÍO MORÁGUEZ, 2008, pp. 184-185). Após a abolição e a implementação da política de patrulha nas águas do Atlântico Norte, portos mais ao sul de Luanda teriam se transformado em importantes entrepostos de africanos escravizados que, via de regra, faziam a travessia fora da rota vigiada pelos britânicos.⁸

8 A proibição do tráfico, em 1807, teria também dificultado a exportação realizada na África Ocidental, região

Conforme apontando há pouco, a forte presença de *congós* e *gangás* lida por autores que tinham uma visível predileção pelos africanos iorubas (que durante muitos anos foram classificados como mais civilizados do que os demais) acabou criando interpretações enviesadas sobre os homens e mulheres oriundos dessas localidades.⁹ Justamente por isso, a pecha de submissos e preguiçosos atribuída aos africanos vindos dessas regiões pode ser questionada no mundo urbano. De acordo com os anúncios publicados, a maior parte dos escravos originários da África Centro-Ocidental executavam serviços em que a autonomia de trânsito era fundamental. Muitas mulheres eram vendedoras e lavadeiras; e os homens eram jornaleiros, cocheiros e veleiros. É admissível aventar que eles fossem designados para tais atividades justamente por sua pretensa obediência (o que diminuiria o risco de fugas). No entanto, como será visto com mais vagar, essa possível tendência à submissão pode ser contestada por meio da análise de outras informações. Não é preciso ir muito longe: o mesmo *Papel Periodico* publicou inúmeros anúncios em que senhores procuravam seus escravos *congós* e *gangás* que haviam escapado. Somado a isso, o grande número de anúncios ofertando africanos escravizados dessa procedência permite questionar a tacha de preguiçosos atribuída a eles: se a lassidão fosse uma característica tão marcante desses grupos, é provável que poucos proprietários quisessem adquiri-los.

Em que pese a maior predominância de *congós* nos anúncios de Havana, salvo curtos períodos, nenhum grupo africano contabilizou mais do que 28% do total da população escravizada vinda da África. Senegâmbia, Serra Leoa, Costa do Ouro, Baía do Benin e de Biafra e a África Oriental foram outras macrorregiões de onde saíram milhares de africanos que viriam trabalhar em solo cubano (ver Mapa 1). Mesmo que incipiente, a presença de traficantes hispânicos nas ilhas de Fernando Pó e Annobon (a partir de 1788) incrementou o número de africanos escravizados da Costa da Guiné - isso sem contar as rotas comerciais mantidas por traficantes ingleses e franceses.

Em proporção um pouco menor que os *congós*, os *carabalís* - que eram facilmente reconhecidos por terem seus dentes cortados - abundavam em Havana não só devido ao intenso tráfico estabelecido pelos ingleses nas regiões próximas ao rio Calabar (até 1807), mas também por serem tidos como *bons trabalhadores*. É interessante notar que mesmo

fortemente patrulhada pela esquadra inglesa, o que reforçaria a maior importação de africanos da região Centro-Ocidental, principalmente aqueles designados como *congós* e *mondongos*. Cf.: GRANDÍO MORÁ-GUEZ, Oscar. Op. Cit., pp. 191-193.

9 Duas sínteses que examinam a hierarquização feita pela antropologia da primeira metade do século XX sobre dos grupos africanos que viveram em Cuba podem ser vistas em: CASTELLANOS, J. CASTELLANOS, I. Raíces Africanas de los negros de Cuba. In: *Cultura afro-cubana*, tomo 1, Universal, Miami, 1988. GUANCHE, Jesús. Identificación de los componentes étnicos africanos en Cuba: contribución a su estudio en los siglos XIX y XX. *Revista del CELSA*, nº 7, Varsovia, 2005, pp.237-251.

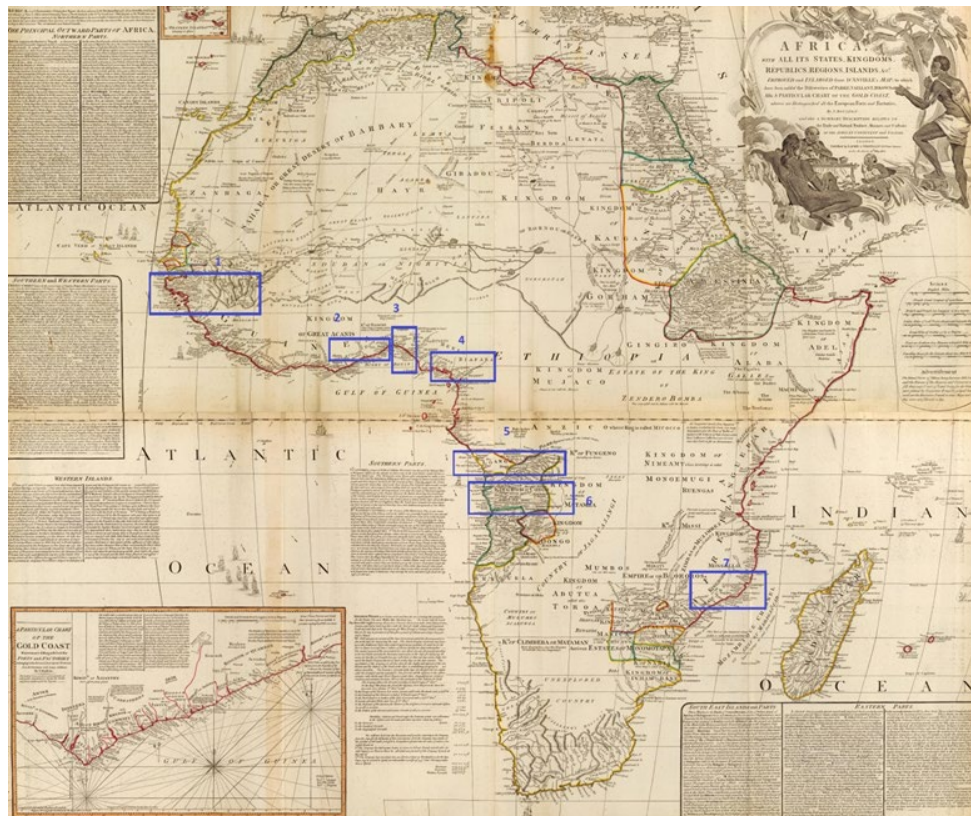
classificados como indolentes, os *carabalís* (fossem ou não subdivididos em *brícamos* ou *susam*), eram majoritariamente ofertados para tarefas que exigiam maior autonomia de trânsito, como os jornaleiro(a)s, vendedor(a)s e carregadores, ou então serviços especializados como enfermeira e sapateiro.

No entanto, ainda que possam indicar relações e/ou preferências entre origem dos escravos e as atividades executadas por eles, os dados oferecidos pelos anúncios de jornal não permitem formular um padrão confiável entre as variantes, mesmo porque há um número significativo de cativos que não teve sua procedência discriminada nos anúncios. Além disso, mesmo que houvesse uma relação entre a procedência e os tipos de serviços executados no espaço urbano, isto parecia ser menos relevante para a dinâmica da escravidão urbana se comparado aos preços cobrados pelos escravos. Em janeiro de 1792, por exemplo, duas escravizadas foram anunciadas no *Papel Periódico de La Habana*, ambas com suas crias com menos de um ano. Tanto a crioula como a *carabalí* foram ofertadas pelo mesmo valor: 350 pesos. Quinze anos depois, em janeiro de 1807, foram postos à venda dois escravos: um congo, “sano y ágil para todo”, vendido por 380 pesos; o outro era crioulo, com “principios de calesero y sano”, anunciado por 400 pesos.¹⁰

A análise seriada dos anúncios de venda escrava aponta que nem a procedência, nem mesmo possíveis especializações geravam diferenças significativas nos valores cobrados pelos cativos urbanos – salvo raros casos. O que parecia fundamental para determinar o preço cobrado pelos cativos eram as condições de saúde (que geralmente estavam atreladas à idade do cativo) e a ausência das pechas de fugitivos ou beberrões. Isso fica evidente em dois anúncios feitos em junho de 1793. No primeiro, uma escrava crioula de 17 anos, boa lavadeira e cozinheira, saudável, mas com tachas que seriam reveladas pelo dono foi ofertada por 130 pesos. No segundo, uma negra mandinga boçal (recém-chegada), saudável e sem tachas foi anunciada por 200 pesos. Justamente por serem recém-desembarcados e desconhecedores da sociedade em que estavam entrando, os boçais custavam menos do que escravos crioulos e ladinos que tivessem a mesma idade e a mesma condição física. Os dois casos acima pontuam, pois, como possíveis máculas (físicas e morais) influenciavam diretamente nos preços cobrados pelos cativos.

10 AGI, Periodicos, *El Aviso – Papel Periódico de la Habana*, 15 de enero de 1807.

Mapa 1 - Grandes áreas de procedência dos africanos escravizados em Havana



Fonte: S. Boulton. *Africa with all its States, Kingdoms, Republics, Regions & Islands*. London, published by Laurien & Whittlen, 1800. Produzido em 1787 e publicado em 1800 com base nos estudos de D'Anville, o mapa acima apresenta grande parte dos povos africanos conhecidos pelos europeus até finais do século XVIII. Fazendo uma análise conjunta dos dados fornecidos pelos trabalhos que examinaram o tráfico de africanos para Cuba entre 1790 e 1815 e as informações contidas nos anúncios do *Papel Periódico*, foi possível prospectar quais seriam as sete grandes-regiões de origem dos escravos africanos de Havana (destacadas em azul). O destaque identificado com número 1 representa a região de embarque dos mandingas escravizados. O número 2 abarca o território dos minas. O terceiro destaque compreende o território dos lucumís, ibos e ararás; seguido pelo número 4 que compreende os carabalís (todas essas regiões fazem parte da África-Occidental). Os números 5 e 6 apontam, respectivamente, as prováveis origens dos gangás, congos e mondongos – homens e mulheres oriundos da África Centro-Occidental. Por fim, o destaque número sete indica a região onde embarcaram aqueles que ficaram designados como macuás e moçambique, africanos da porção oriental do continente. Uma especulação do percentual que esses grupos representavam na população de africanos escravizados de Havana pode ser observado no Gráfico 3. Mapa disponível em: <http://www.davidrumsey.com/maps2522.html>.

Ao que tudo indica, foi a própria dinâmica do escravismo citadino que ditou a compra de cativos em Havana. Aproveitando possíveis benesses do tráfico transatlântico que objetivava a entrada massiva de africanos escravizados para as regiões de *plantations* da ilha, os proprietários urbanos compravam africanos e crioulos para a execução das mais variadas atividades. Assim como no campo, a possibilidade da exploração do trabalho escravo era o que atraía os futuros proprietários. Mesmo porque o investimento feito na compra de um cativo não era pequeno. Durante a última década do século XVIII, o preço médio de um escravo saudável e sem tachas em Havana era de 300 pesos (fosse homem ou mulher).

A compra do escravo urbano não era, pois, um investimento barato. Justamente por isso, boa parte dos cativos que eram colocados ao ganho cobravam os altos jornais que tanto indignaram Alejandro Humboldt: era necessário reaver, o mais rápido possível, a quantia investida nesses escravos. E, para otimizar os ganhos, muitos senhores acabavam ampliando as possibilidades de uso dos seus cativos, principalmente das mulheres escravizadas.

A maior parte das escravizadas anunciadas entre 1790 e 1815 (independentemente de sua origem) executava duas ou mais atividades. Aquelas que lavavam e costuravam, lavavam e cozinhavam ou faziam as três atividades representavam pouco mais de 32% das escravas anunciadas. Isso sem contar as cativas que eram colocadas para fazer toda sorte de serviços domésticos e aquelas que, além de trabalhar na casa de seus senhores, também saíam às ruas como jornaleiras. As possíveis especializações dessas cativas eram destacadas nos anúncios. Uma das costureiras ofertadas também era uma boa cortadora de túnicas, enquanto a outra tinha experiência em cuidar de idosos. E nem mesmo as escravas que tinham atividades mais especializadas escapavam do “faz tudo” inerente ao mundo urbano. O anúncio da única vendedora *lucumí* ressaltava que ela também tinha princípios de lavadeira e cozinheira; e uma das enfermeiras *minas* anunciadas sabia bordar muito bem. Outra forma de utilização da mão de obra escrava feminina era alocar as cativas que estavam grávidas ou que tinham “cria pequena” no cuidado de crianças. A maior parte delas era reservada para os serviços domésticos, mais especificamente ao cuidado de recém-nascidos que precisavam de amamentação.

Para além da exploração máxima por parte dos senhores citadinos, a variedade de serviços executados pelas escravas revela aspectos importantes da dinâmica de Havana. Não por acaso, lavar e cozinhar foram as atividades mais anunciadas no *Papel Periódico e no El Aviso de La Habana*. A intensa atividade portuária da capital cubana – fosse pela exportação do açúcar, fosse pela presença de tropas militares - e a presença sazonal de tripulações criavam uma demanda constante desse tipo de serviço. Muitos dos prováveis compradores das lavadeiras, cozinheiras e costureiras de Havana eram donos de tabernas e hospedarias, ou então moradores temporários da cidade. A prostituição de escravas também rendeu muitos lucros aos proprietários, sobretudo nos períodos em que Havana era invadida por tripulações de diferentes localidades.

No entanto, as atividades vinculadas ao porto não eram exercidas apenas por mulheres. Os *carretilleros*, por exemplo, foram responsáveis pelo embarque e desembarque dos produtos que transitavam na região alfandegária. Existiram ainda casos mais específicos, como do crioulo carpinteiro que era especialista em fazer caixas de madeira para exportar açúcar; o escravo anunciado como jornaleiro, mas que também produzia tiras de couro que serviam para lacrar tais caixas; e um veleiro congo que era um excelente reparador de barcos.

Ainda que tais casos mereçam destaque, é importante sublinhar que eles eram a exceção. Entre 1790 e 1815, a maior parte dos homens escravizados geralmente era anunciada para realizar atividades específicas. Embora houvesse barbeiros que também executassem serviços domésticos, cocheiros que sabiam trabalhar com tabaco, jornaleiro que ensacava pedra e até mesmo o caso excepcional de um cozinheiro que era cabeleireiro e marinheiro, no cômputo geral, os escravos (crioulos e africanos) eram apregoados para execução de apenas um serviço.

Muitos cativos continuavam sendo comprados a mando do rei para trabalhar nas fortificações, que precisavam de constantes reparos, e na construção das embarcações do Real Arsenal. É provável que parte dos serradores, carpinteiros e pedreiros anunciados acabassem alocados nas obras reais, mesmo que tivessem outras especializações – como o caso, já citado, de um jornaleiro que estava ensacando pedras numa obra pública. Tal hipótese pode ser estendida aos veleiros anunciados: é possível que, mesmo por um tempo específico, eles estivessem sob o mando indireto do rei espanhol trabalhando no Real Arsenal.

Em 1798, por exemplo, Lorenzo Quintana, um dos maiores comerciantes da cidade (e sócio do Compañia de Consignaciones de Negros) foi muito cauteloso ao lembrar às autoridades o atraso no pagamento dos jornais referentes aos escravos que ele havia alugado para o trabalho nas fortificações de Havana. Segundo seus cálculos, o Real Erario lhe devia 125 *reales* diários pelos jornais dos dez cativos que estavam alocados na obra. Como o atraso era de um mês, Lorenzo Quintana teria uma significativa quantia a receber e, fazendo uso do seu trânsito fácil entre as autoridades insulares, o comerciante fez com que seu lembrete chegasse ao conhecimento do Conde de Santa Clara, Capitão General de Cuba. De acordo com o ofício encaminhado, os cativos de Lorenzo Quintana foram alugados para trabalhar nas obras do Camino Cubierto que, assim como os feitos do Conde de Ricla, tinha por objetivo principal a proteção de Havana, sempre ameaçada por nações estrangeiras.¹¹

A situação acima seria impensável anos antes. Os casos analisados demonstram que até o último quartel do século XVIII, a oferta de escravos urbanos (bem como dos cativos rurais) era muito baixa se comparada com a demanda dos habitantes de Havana, que dependiam dos poucos e caros escravos introduzidos por meio do *asiento*; não por acaso, a maior senhora de escravos em Havana era a própria Coroa espanhola. Tal descompasso fez com que particulares fraudassem a posse de escravos reais para usufruto próprio. O advento da Revolução dos escravos de Saint-Domingue (1791-1804) e a ampliação da liberação do tráfico permitiram a disseminação da propriedade escrava em Cuba, inclusive no espaço ci-

11 Archivo General de Índias, Estado, Legajo 1, nº76, 1798.

tadino, a ponto da situação se inverter e as autoridades metropolitanas passarem a recorrer ao aluguel de particulares.

O lembrete cuidadoso de Lorenzo Quintana assinala, pois, uma mudança na estrutura de posse dos cativos citadinos gerada pela liberação do tráfico (e a maior oferta de africanos escravizados) e também pela ampliação dos usos desses escravos no mundo urbano. É razoável pressupor que tais mudanças beneficiaram, inclusive, a própria Coroa espanhola. Ainda que esta se visse dependente da mão de obra escrava para a execução de uma série de atividades (sobretudo àquelas que diziam respeito à manutenção dos fortes e do Real Arsenal), a maior oferta de escravos em Havana permitia que as autoridades alugassem os cativos apenas quando necessário, diminuindo assim parte dos enteveros que ela era obrigada a lidar na posição de proprietária.

Destarte, a expressiva variedade dos serviços executados pelos homens escravos sugere uma sofisticação não só das atividades urbanas, mas do próprio uso da mão de obra escrava na cidade. Quem desejasse cortar os cabelos poderia recorrer tanto aos muitos barbeiros de Havana, como aos escravos nascidos no Caribe inglês e francês. As padarias, cuja abertura deveria ser controlada pelo Capitão General para evitar as reclamações dos habitantes, continuavam sendo o local de trabalho de muitos cativos, que não eram os mesmos que confeitavam bolos e doces mais elaborados: para isso eram comprados ou alugados os escravos chocolateiros.

Numa relação cuja causalidade era difícil de ser determinada, a maior presença escrava em Havana alimentava a demanda por escravos na execução dos mais diferentes serviços citadinos, que por sua vez gerava uma necessidade constante de braços escravos na cidade. Parte das súplicas da elite cubana feita entre as décadas de 1760 e 1780 havia sido ouvida, e agora existia uma oferta de cativos na ilha que permitia, até mesmo, o avultado (e sofisticado) comércio interno de escravos. Embora os 714 anúncios feitos no *Papel Periódico* entre 1790 e 1815 possam parecer poucos se comparados aos mais de 122 mil africanos escravizados que entraram na ilha no mesmo período, não restam dúvidas quanto ao incremento do segmento escravo na capital cubana. Já foi assinalado nesse artigo que o motor do tráfico transatlântico de africanos escravizados foi a forte demanda criada pela elite cubana, que objetivava a construção de um sistema de *plantation* nos moldes dos existentes no Caribe inglês e francês; sendo assim, o incremento da escravidão urbana a partir de 1790 era consequência deste projeto econômico da oligarquia havaneira. As funções executadas pelos cativos citadinos corroboram isso. Mas também é forçoso lembrar que o *Papel Periódico* e *El Aviso de La Habana* eram importantes jornais da cidade, e que o anúncio era uma das formas de ofertar os préstimos dos escravos urbanos, negociata que poderia ser feita pessoalmente ou em casas especializadas no ramo.

Um aspecto que parece confirmar a maior presença escrava na cidade é o significativo aumento do número de *cabildos* de nação em Havana. Até 1755, Havana possuía vinte e uma dessas associações, número que aumentou para trinta e quatro durante o governo de Las Casas, chegando a setenta e três em 1815. Tais instituições existiam no mundo hispânico antes mesmo da colonização do Novo Mundo, tendo ganhado contornos específicos em cada uma das colônias espanholas. Embora tais *cabildos* fossem organizações que congregavam principalmente libertos e livres “de cor” – os cativos, quando faziam parte, ocupavam cargos secundários nunca exercendo o comando dos *cabildos*, é inevitável atrelar seu crescimento ao aumento do segmento escravo em Havana.

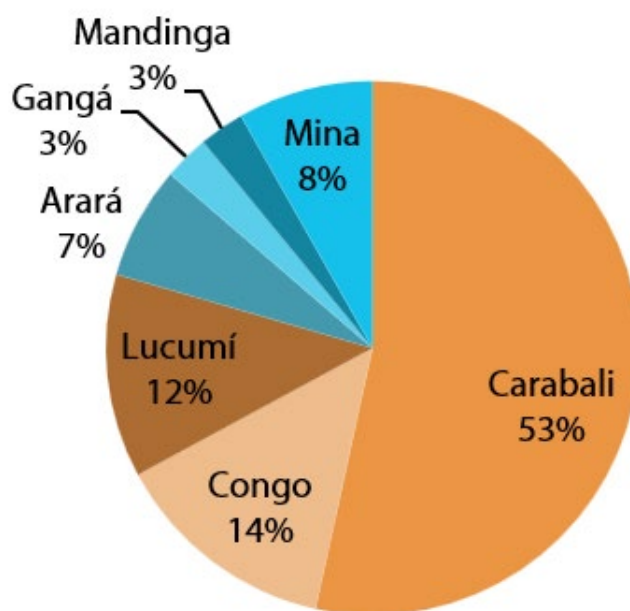
Em primeiro lugar, porque é plausível que dentro da lógica de associações que fomentavam a ajuda mútua, a compra da liberdade tenha sido uma das suas principais frentes de atuação. Ainda que faltem dados mais consistentes, a hipótese levantada ganha outro peso quando se observam quais eram as “nações” africanas que formaram tais *cabildos*. De acordo com os dados levantados por María del Carmen Barcia até o ano de 1815, os *carabalís* possuíam 39 *cabildos* de nações, seguidos pelos *congo* que tinham dez, os *lucumís* com 9, os *ararás* e *minas* com 5 cada e os *gangás* e *mandingas* com dois cada.

Importante frisar que María Del Carmen Barcia pontua quais eram as subdivisões dentre as “nações” dos *cabildos* analisados. Os *carabalís* estavam divididos entre: Isieque, Induri, Umugine, Isiquatro, Ibo, Ososo Umuna, Oquella, Agno, Isuano Orocho e Isuana Ib. Já os *congos* se dividiam em: Mondongo, Luango, Mucamba-Musundi, Mucamba Santo Antonio, Musundi Nuestra Señora del Rosario, Abanda, Musulongos, BungamaSan Juan de Dios, Luango Santo Domingo, Luango Nuestra Señora del Cobre, Musura San Cayetano, Masinga Nuestra Señora del Monserrate, Santo Rey Melchior. Os *lucumís*, por sua vez, estavam divididos em: Amanga, Nuestra Señora del Regla, Gonces Santa Barbara, Bragurá Santa Barbara, e Santa Bárbara- Sociedad de Protecion Mutua y Recreo del Culto Africano Lucumí. Os *Ararás* subdividiam-se entre *Ararás* e *Papoes*. Os *Mandingas* estavam divididos em *Zape*, *Ceses de la Virgen de la Regla* e *Nuestra Señora del Pilar*. Por fim, os *minas* estavam divididos entre *Guagüi* e *Popó San Cayetano*.

As subdivisões dos *cabildos* de nação em Havana apontam, pois, a complexidade dessas associações, que merecem estudos específicos. No tocante a essa pesquisa, a simples constatação de que as “nações africanas” subdividiam-se em grupos menores no momento da conformação das associações de ajuda mútua reforça a ideia de que o espaço urbano permitiu a reconfiguração de identidades da “população de cor” que, graças ao pecúlio de alguns escravos e, principalmente às economias dos negros livres e libertos, conseguiram dar materialidade a práticas africanas reconfiguradas no Novo Mundo (BARCIA, 2009).

Não levando em conta as subdivisões existentes dentre cada uma das “nações” apontadas, o quadro geral dos *cabildos* negros em Havana até o ano de 1815 era o seguinte:

Gráfico 4 - Procedências africanas dos *cabildos* de nação em Havana - 1815



Fonte: BARCIA, Maria del Carmen. Op. Cit., pp.393-413.

Interessante notar que a proporção das “nações” dos *cabildos* não seguia o mesmo padrão visto para a escravidão em Havana. Isso fica especialmente evidente quando se analisa o caso dos carabalís. Reconhecidos como bons trabalhadores – ainda que “respondões” – os carabalís não ultrapassavam 25% dos escravos anunciados nos jornais de Havana entre 1790 e 1815. Todavia, o mesmo grupo detinha mais de 50% dos *cabildos* existentes na capital cubana. Embora não se possa descartar a influência da dinâmica do tráfico neste período, é possível aventar que a presteza atribuída a esta “nação” tenha facilitado a compra da alforria. Isso, em tese, teria permitido a conformação de um grupo expressivo de negros libertos *carabalís* não só saísse do cativeiro, mas também se tornasse proprietário de casas e terrenos na cidade. O caso mina é igualmente significativo. Os africanos designados como minas também eram classificados bons trabalhadores, atribuição essa que, no mundo urbano, poderia ter se convertido no maior número de compras de liberdade. Tal ideia fica mais interessante ao se observar que nas tabelas 6 e 7, os minas – tanto homens como mulheres – foram anunciados em atividades em que a autonomia de trânsito e o acesso ao pecúlio estavam potencializados. Assim como no Rio de Janeiro, africanos escravizados dessa procedência pareciam ter grande facilidade na execução dos trabalhos urbanos.

É forçoso salientar que o aumento do número de *cabildos* em Havana denotava o crescimento da apropriação do espaço urbano por parte dos herdeiros diretos da escravidão e, muitas vezes, dos próprios cativos. Não por acaso, desde a publicação do *bando de gobierno* de Las Casas no ano de 1792, tais associações foram obrigadas a alocar-se nas proximidades do Real Arsenal e da Real Factoria de Tabaco, nas margens que ligavam a muralha a Jesús María (*partido* que ainda não fazia parte, oficialmente, do perímetro urbano da capital cubana).

O que podemos perceber com a análise desses anúncios de jornal é que houve uma presença diversificada de origens africanas empregadas nas mais variadas atividades urbanas. Ainda que tenhamos alguns padrões de uso específico dessa mão de obra, o que salta aos olhos na documentação é a capilaridade do trabalho escravo na dinâmica de funcionamento de Havana entre os anos de 1790 e 1815.

Sem dúvida, essa constatação caminha *pari passu* com as medidas defendidas pelo governo ilustrado da ilha, que apregoava o incremento da população escrava via tráfico transatlântico. A população “de cor” de Havana (escrava e livre) era tolerada nas artérias da cidade se estivesse executando aquilo que justificou o tráfico e a própria instituição escravista na ilha: o trabalho. Mas esse trabalho não existia sozinho. Esses mesmos anúncios, lido conjuntamente com outras fontes documentais, permitem observar que outras práticas decorrentes da escravidão, que não se alinhavam com os padrões ilustrados de cidade, ficaram setorizadas nas regiões mais distantes das vistas da elite, do outro lado do muro que dividia a cidade e o mundo suburbano.

O caso dos *cabildos* de nação chama atenção, na medida em que ao migrarem para a região extramuros de Havana, tais associações também se desligavam das igrejas a que estavam atreladas intramuros, tendo que construir suas próprias sedes. Tinham, pois que reconstruir suas identidades em espaços além-muro, nos quais tinham muito mais liberdade para reconfigurar, materialmente, as heranças africanas e suas reelaborações no contexto do Novo Mundo. E seria justamente nesta região de trânsito entre a cidade e o campo que livres, libertos e escravos vivenciariam práticas fundamentais do cativo urbano; práticas essas que viabilizariam a formação de famílias, de redes sociais e de associações de ajuda mútua, mas também o questionamento da escravidão.

REFERÊNCIAS

- BARCIA ZEQUEIRA, María del Carmen. "Negros en sus espacios: vida y trabajos en la Habana Colonial (espacios físicos, espacios sociales, espacios laborales)". *In.*: José Antonio Piqueras. (Org.). **Trabajo libre y Coactivo en Sociedades de Plantación**. Madrid: Siglo XXI, 2009.
- BERGAD, L. GARCÍA, F.I. BARCIA, M.C. **The Cuban Slave Market, 1790-1880**. Cambridge, Cambridge
- CASTELLANOS, J. CASTELLANOS, I. Raíces Africanas de los negros de Cuba. *In.*: **Cultura afro-cubana**, tomo 1, Universal, Miami, 1988.
- DE LA FUENTE, Alejandro. "Denominaciones étnicas de los esclavos introducidos en Cuba: siglos XVI e XVII". **Anales del Caribe 6**, 1986, pp.75-96.
- DE LA FUENTE. **Havana and the Atlantic in Sixteenth Century**. University of North Carolina Press, 2011.
- FLORENTINO, M. **Em Costas Negras**. Uma História do tráfico de escravizados entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo, Cia. das Letras, 1997.
- GRANDÍO MORÁGUEZ, Oscar. The african Origins of Slave Arriving in Cuba, 1789-1865. *In.*: ELTIS, D. RICHARDSON, D. (orgs.). **Extending the frontiers: essays on the New Transatlantic Slave Trade Database**. Yale University Press. New Haven/London, 2008, pp. 176-201.
- GUANCHE, Jesús. Identificación de los componentes étnicos africanos en Cuba: contribución a su estudio en los siglos XIX y XX. **Revista del CELSA**, nº 7, Varsovia, 2005, pp.237-251.
- HOWARD, Philip A. **Changing History**. Afro-Cuban Cabildos and Societies of Color in the Nineteenth Century. Louisiana, Louisiana State University Press, 1998
- HUMBOLDT, A. **Ensayo Político sobre la Isla de Cuba**. (tradução de D.J. de V.Y.M). Paris: Librería de Lecointe, 1836.
- LEUCHSENRING: **La literatura costumbrista cubana de los siglos XVIII y XIX. I. Los periódicos: el 'Papel Periódico de La Habana'**. La Habana: Oficina del Historiador de la ciudad de La Habana, 1962.
- LOVEJOY, Paul. **A escravidão na África**. Uma história de suas transformações. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.
- MEILLASSOUX, Claude. **Antropologia da escravidão - o ventre de ferro e dinheiro**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- MINTZ, S. PRICE, R. **O Nascimento da Cultura Afro-Americana: uma perspectiva antropológica**. São Paulo, ed. Pallas, 1992.
- MURRAY, D. David. **Odius Commerce**. Britain, Spain and the Abolition of the Cuban Slave Trade. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- NÚÑES JIMÉNEZ, Antonio. **Los Esclavos Negros**. La Habana, Fundación de la Naturaleza y el Hombre, 1998.
- ORTIZ, Fernando. **Los Negros Esclavos**. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1987.
- PEZUELA, J. **Diccionario Geografico, Estadístico, Historico de la Isla de Cuba**. Tomo II. Madrid, Imprenta del Banco Industrial y Mercantil, 1866
- PICHARDO, Estéban. **Diccionario Provincial casi-razonado de Vozes Cubanas** (Tercera Edición notablemente aumentada y corregida). Habana, Imprensa del Gobierno, Capital General e Real Hacienda por S.M, 1861.
- RODRIGUES, Jaime. **De Costa a Costa**. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860). São Paulo, Cia. das Letras, 2005.
- SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Irmãs do Atlântico**. Escravidão e espaço citadino no Rio de Janeiro e Havana (1763-1844). São Paulo. Tese de Doutorado defendida na FFLCH, USP, 2012.
- TORNERO TINAJERO, Pablo. **Crecimiento económico y transformaciones sociales**. Madrid, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1996.